

O PATRIMÔNIO CULTURAL COMO CONSTRUTOR DE IDENTIDADES E O PROBLEMA DA INDÚSTRIA TURÍSTICA

Kamilla Rocha Ferreira*

1. Introdução

O presente trabalho busca aprofundar e retomar explicações realizadas acerca do papel desempenhado pelo Patrimônio Cultural enquanto construtor de identidades específicas, problematizando, para tanto, o surgimento de uma indústria turística, que subjugando as manifestações e expressões culturais de um povo à um padrão massificador, ameaça a existência dessas identidades.

A questão da identidade vem sendo bastante discutida na teoria social, isso porque tal conceito é muito polemico uma vez que cada área (sociologia, psicologia, história, entre outras) aborda o tema de modo peculiar. Essas explicações são aparentemente simples, contudo recaem em uma série de elementos complexos que constituem a formação de uma identidade.

Assim, ao nos depararmos com um tema que suscita tantas explicitações divergentes, geralmente optamos por esmiuçá-lo.

Antes de tudo, fez-se necessário elucidar, em linhas gerais, o conceito de identidade, para então discorrer sobre o Patrimônio Cultural enquanto elemento representativo da identidade de um determinado grupo social, e por fim analisar a emergência de um mercado “patrimonial” e suas implicações sociais.

* Universidade Federal de Campina Grande, graduanda do curso de Ciências Sociais.

2. Identidade, identidades?

De modo geral não se dispõe de um quadro conceitual definido. Assim, a identidade vem sendo abordada sob múltiplos enfoques, tomando sentidos distintos. Dessa forma, a noção de identidade funciona como um sistema de significações pressuposto, passando a ser transposta do senso comum, o que gera um grande problema, pois no pensamento do senso comum as características percebidas em cada indivíduo, bem como as diferenças existentes entre eles, são apreendidas como propriedades inerentes à ele. A partir de então se estabelecem categorizações e atribuem-se identidades, fixando uma demarcação social: quem é quem. Assim, a identidade passa a ser vista como algo dado, intrínseco à um grupo ou a um indivíduo específico.

Pelo contrário, longe de ser um “dado” da natureza, a identidade é uma construção simbólica que envolve processos de caráter histórico e social e que se atualizam e se articulam no ato individual ou coletivo. Percebe-se assim, que a identidade é uma representação relativa à posição do indivíduo no mundo social e que portanto está vinculada às questões de reconhecimento.

Uma concepção bastante aceita acerca da acepção de identidade é a desenvolvida por Manoel Castells. Para ele a identidade seria,

O processo de construção de significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras formas de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS,2001: 22)

3. Patrimônio Cultural e Identidade

A acepção de patrimônio, assim como a de identidade, é de difícil conceituação uma vez que envolve vários e diferentes campos. A idéia mais corrente é a de que o termo se refere ao legado que herdamos do passado, transmitindo-lhe às gerações futuras. No entanto não se pode conceber o patrimônio apenas como reflexo dos vestígios de processos históricos. Todas as expressões materiais da cultura geradas pelo indivíduo possui uma existência física num tempo e espaço determinados. Às vezes essas manifestações perdem seu significado, outras adquirem novos aspectos. É por meio dessa dinâmica que a cultura flui.

Vale salientar, portanto que nem todos os resquícios do passado devem ser considerados patrimônio, pois este não se resume a um legado que é herdado, mas sim um legado que um determinado grupo anseia por perpetuá-lo. Donde podemos afirmar que a noção de patrimônio emerge na medida em que o indivíduo, ou um grupo, elege um conjunto de objetos como pertencentes a ele. Dessa forma, devemos concebê-lo como uma construção social, um processo simbólico que legitima certos objetos conferindo-lhes valor. Assim, toda a construção do patrimônio cultural de uma dada sociedade é a representação simbólica de uma determinada identidade. Daí a relação intrínseca entre identidade e patrimônio. O patrimônio cultural abrange e reflete todos os aspectos que constituem a identidade de um grupo específico, diferenciando-o dos demais.

Sendo a simbologia um instrumento de transmissão cultural, o indivíduo mantém por meio dos símbolos vínculos com o passado. É justamente através da relação passado/presente que passamos a nos reconhecer numa coletividade, nos vemos como iguais e conseqüentemente nos identificamos com os que compõem nosso grupo. É assim que o passado dá sentido à nossa identidade, gerando um sentimento de pertencimento. A memória coletiva de um povo, moldada pelo tempo é materializada no presente por símbolos que restauram as manifestações coletivas de identidade.

Vale mencionar, que o expressivo dinamismo e o acelerado ritmo de mudança que caracteriza a sociedade atual, atribui um enorme valor tanto à história quanto à seus objetos. É nesse contexto de rupturas e fragmentações da sociedade moderna que o patrimônio emerge como um modo de recuperação e estabilidade. É por meio dele que o indivíduo toma para si um pouco de seu passado. O patrimônio, atualmente, representa

uma identificação no tempo e no espaço, aparece como elemento fixador das singularidades locais.

Em suma, Patrimônio Cultural seria todo conjunto de bens, materiais ou não, construídos, recriados e apropriados que se configuram a partir da cultura, e que são concebidos por uma sociedade como elemento representativo de sua história. Estes bens compreendem todas as formas de expressão criadas pelo indivíduo, as quais significados e valores lhe são dados. Vale mencionar que os referidos bens compõem uma identidade local específica, refletida através da memória coletiva que implica num modo de vida peculiar. Assim, faz-se necessária a existência de um Patrimônio Cultural fundado na memória coletiva para que então se configure uma identidade cultural concernente à experiência social.

Visto como elemento reafirmador de identidades (sejam elas individuais ou coletivas), dos inúmeros grupos que constituem a sociedade, que reflete as formas de expressão, enfim, conjuntos urbanos de obras, objetos, edificações, entres outros espaços referentes às manifestações artísticas, o Patrimônio Cultural fomentou o surgimento de um mercado “patrimonial” implicando na sua valorização comercial. Ele reduziu-se então à um mero elemento constitutivo da indústria turística.

4. O Patrimônio Cultural como Lugar Turistificado

A partir do final do século XX a cultura passou a ser mais valorizada, o que conseqüentemente gerou um movimento de resgate das memórias coletivas, disso resultou uma reestruturação dos museus e centros culturais e históricos “esquecidos”, que antes eram vistos como áreas sem valor frente às modernas construções urbanas. O que se percebe, no entanto, é que as cidades passam a ser modificadas buscando uma melhor inserção na dinâmica econômica, que tem no turismo seu principal objetivo e no Patrimônio Cultural um atrativo. Partindo da constatação dessa realidade surgem discussões acerca da memória, cidade e identidade, que passam a ser objetos de inúmeros estudos.

Os Centros Culturais centros estão se voltando de modo gradual e exclusivo para a atividade turística. A partir de então a cultura como atividade espontânea e original passou a ser valorizada no âmbito da sociedade de consumo. A exploração dos recursos patrimoniais realizada pelo turismo ampliou as atividades turísticas (que antes se concentravam apenas no litoral) para as cidades interioranas, isso provocou um aumento na criação de empregos, estimulando a economia local, como também contribuiu para a preservação do patrimônio local, no entanto é evidente a utilização deste para fomentar o turismo massificado, que por sua vez ameaça as identidades locais.

Apreender as relações de poder existentes na criação do espaço turístico significa conceber o espaço como algo socialmente construído, que revela as oposições do modo de produção capitalista. O turismo vem produzindo novos aspectos na organização espacial, consolidando o espaço de forma bastante contraditória no qual atuam o Estado, os empresários, os habitantes e os turistas. A atividade turística por sua vez, apropria-se dos recursos oferecidos pelos espaços, transformando-os em mercadorias. Assim, o Patrimônio Cultural bem como suas manifestações são convertidos e reduzidos à meros espetáculos.

A população perde sua identidade, esta por sua vez perde seus significados. O Patrimônio Cultural deixa de expressar seu verdadeiro valor e passa a ser um lugar vazio de sentido. Esses locais descontextualizados, não se configuram como elementos de conservação e geradores de benefícios, pelo contrario, agravam a desvalorização cultural. As manifestações culturais não se expressam como antes, de modo espontâneo, mas sim de forma planejada, mecânica. Subjugada pelas empresas privadas, ou até mesmo pelo Estado, que lançam mão de inúmeros artifícios para atrair o turista, elas perdem seu valor.

A gradual transformação das áreas urbanas advinda com o fenômeno da globalização, bem como da memória e identidade de um grupo aliada à atividade turística, reflete um espaço no qual se configura uma expressiva perda de signos, indispensáveis à realização e consolidação dos inúmeros grupos sociais.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas - de tempos, lugares,

historias e tradições específicas e parecem “flutuar livremente”(HALL, 2006:75).

No seio dessas alterações nos espaços urbanos, se produz uma não-identidade, e conseqüentemente um não-lugar. Ao invés de se constituir uma identidade, se produz mercadorias que são consumidas em quaisquer circunstâncias. Recria-se um espaço totalmente desnaturalizado no qual tudo se transforma num espetáculo, uma vez que o próprio lugar é a mercadoria.

Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam então reduzidos a uma espécie de língua franca ou de moeda global “(HALL, 2006:75)

Não há como negar a relação intrínseca estabelecida entre o turismo e o Patrimônio Cultural, contudo um desafio é proposto à atividade turística, o de lançar mão dos recursos oferecidos pelo patrimônio objetivando um desenvolvimento sustentável, no qual não haja exploração dos recursos, de maneira que os envolvidos nesse processo ajam concomitantemente de forma a se responsabilizarem pelos resultados obtidos, através de esforços realizados por todos os níveis de poder, por meio da atuação de várias instituições sociais, destacando a necessidade da conservação e difusão do patrimônio de maneira que este possa ser levado às gerações futuras, fazendo com que cada sociedade expresse sua identidade própria.

4. Considerações finais

Como pôde ser entendida ao longo deste trabalho a noção de identidade está estritamente ligada à de patrimônio cultural, visto que este é entendido como o conjunto da diversidade material e simbólica produzida e vivenciada pelos indivíduos, que compõem uma identidade específica. Esse fato torna clara a importância que a preservação desse legado histórico representa para a sociedade. Ao analisar o patrimônio cultural como construtor de identidades específicas, a presente discussão amplia a compreensão sobre as inúmeras formas de produção e reprodução do saber humano.

Contudo, a valorização e preservação desse patrimônio vêm sendo ameaçadas pelo mercado turístico. Os valores culturais de modo algum podem ser impostos, pelo contrário, devem ser apreendidos na dinâmica social na qual se encontram inseridos. Ou seja, é preciso que possuam uma identidade própria, marcada por significações e situados num espaço determinado que representem uma sociedade específica. O respeito à diversidade cultural dos diferentes grupos sociais será o fator que fomentará a pluralidade cultural.

Chega-se ao ponto final dessa reflexão e ela sem sombra de dúvidas assumiu um papel de extrema relevância. Que se deixe claro que esta não consiste numa explanação completa e acabada acerca do tema, algo impossível. Trata-se, portanto, de um estudo do que conhecemos por cultura material enfatizando os elementos que destroem os aspectos constitutivos da identidade através da banalização do Patrimônio Cultural fomentado pela indústria turística.

5. Referência Bibliográfica

ARANTES, Antônio Augusto. *Produzindo o Passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____ (org.) *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

ARANTES, Otília. *Urbanismo em fim de linha; e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica*. São Paulo: EDUSP, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura de Rua*. Campinas: Papirus, 1989.

AGUIRRE, A. *Cultura e Identidade Cultural*. Barcelona: Bodernas, 1997.

CAMARGO, H. L. *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

CASTELLS, Manoel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FERREIRA, A. M. R. In: **MARTINS**, J. C.(org.) *Turismo, Cultura e Identidade*. México: Trillas, 1980.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.